

O Fator Multicultural Presente em Sala de Aula no Filme *Entre Os Muros Da Escola*

The Multicultural Factor Present in a Classroom in the Film *Between The Walls Of School*

Adriana Ábia Corrêa da Costa¹

Universidade Federal do Pará

Resumo: No presente artigo, abordaremos o fator *multicultural* na pós-modernidade e os desafios que isto traz, não somente à sociedade atual, como em várias de suas esferas. O filme *Entre os muros da escola* (2008), de Laurent Cantet, aborda a questão educacional e possibilita uma reflexão sobre como lidar com tal *pluriculturalismo* dentro de sala de aula, e a construção identitária dos alunos, ressaltando o papel do educador e os desafios enfrentados pelo mesmo dentro do seu âmbito de trabalho. Nossa proposta metodológica consiste no estudo analítico de algumas cenas e fotogramas do filme. Como referencial teórico, consideramos autores como Stuart Hall, Pierre Bourdieu e Paulo Freire, além dos teóricos do cinema como André Bazin e Marcel Martin dentre outros. Com base na leitura cinematográfica, discutiremos também a proposta do cinema em abordar as dificuldades encontradas, não somente, pelo professor, mas entre os próprios alunos de se lidar com diferentes culturas, religiões e até mesmo formas de se vestir.

Palavras-Chave: Multicultural; Identidade; Cinema; *Entre os muros da escola*; Educação.

Abstract: In this article, we will discuss the multicultural factor in postmodernity and the challenges that this brings not only to today's society, but also in many of its spheres. Laurent Cantet's film *Between the Walls of the School* (2008) addresses the educational issue and provides a reflection on how to deal with such multiculturalism within the classroom, and the identity construction of students, highlighting the role of the educator and the challenges faced by it within its scope of work. Our methodological proposal consists of the analytical study of some scenes and frames of the film. As a theoretical reference, we consider authors such as Stuart Hall, Pierre Bourdieu and Paulo Freire, as well as film theorists such as André Bazin and Marcel Martin among others. Based on cinematic reading, we will also discuss the film's proposal to address the difficulties encountered, not only by the teacher, but also among the students themselves to deal with different cultures, religions and even ways of dressing.

Key-Words: Multicultural; Identity; Movie theater; *Between the walls of the school*; Education.

Submetido em 16 de outubro de 2017

Aprovado em 9 de janeiro de 2018

1 O Fator Multicultural

É comum, em nossa sociedade atual, convivermos com diversas culturas diferentes, isso se dá por alguns fatores como globalização, migração, etc. O que

¹Formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará
E-mail: abia_costa@hotmail.com

vivemos hoje é ao certo um tipo de pluriculturalidade que nos leva a alguns questionamentos acerca de identidade cultural e nacionalismo por exemplo.

O fator multicultural é definido por Stuart Hall como sendo:

um termo qualitativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados em qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade “original” (HALL, 2003, p.50)

Tal fator é observado no filme *Entre os muros da escola* (2008), de Laurent Cantet, que nos mostra o professor François Marin e as dificuldades encontradas pelo mesmo dentro da sala de aula ao ter que lidar com alunos de diferentes etnias, culturas e costumes, além disso, também nos mostra a dificuldade destes alunos de conviverem uns com os outros, levando-nos a questionarmos como o educador está preparado para lidar com o pluriculturalismo dentro de sala de aula.

Atualmente a sociedade tem passado por uma mudança estrutural, devemos isto à globalização. A construção identitária, os valores, algumas coisas têm se transformado na pós-modernidade, sem, contudo perder totalmente a tradição de algumas sociedades, nesta questão entra o dualismo Tradição/Modernidade, onde as culturas, digamos orientais, tentam resistir à modernidade, sem ter grande êxito, nos remetendo ao filme *“Entre os muros da escola”* deparamo-nos com o aluno Wey, chinês que morava na França, e em dado momento do filme, em que o professor pede para os alunos fazerem um autorretrato, ele confessa não se sentir bem na França: “quase nada me interessa lá fora”, isso se dá pelo fato de que Wey, não consegue pronunciar a língua francesa corretamente e isso o levava a ter dificuldades de fazer amizades.

Podemos nos deparar com estes casos, quando olhamos as sociedades de hoje, sofrendo um certo tipo de hibridização onde são produzidas ‘sociedades étnicas e culturalmente mistas’. Ao mesmo tempo que ocorre tal hibridismo as diferenças são cada vez mais visíveis. Para Hall, esta “proliferação da diferença” ocorre quando:

Juntamente com as tendências homogeneizantes da globalização, existe a “proliferação subalterna da diferença”. Trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si (um tipo de americanização da cultura global, por exemplo). Entretanto, concomitantemente, há a proliferação das diferenças. (HALL, 2008, p.57)

Voltando à sala de aula, local onde é ambientado o filme *Entre os muros da escola*, deparamo-nos com alunos árabes, caribenhos, africanos em sua identidade e origem, e ao mesmo tempo estes alunos são franceses, estão envolvidos em uma sociedade onde é preciso lidar com tais diferenças.

Tais fatos nos levam ao questionamento sobre se há ou não uma cultura nacional, ou se a mesma está tão híbrida que já não existe mais algo definido e estático. A cultura nacional busca unificar a identidade cultural de uma sociedade, mas dentro da sala de aula o que vemos são várias culturas diferentes que tentam conviver e sempre estão em conflito. Este conflito se dá pelo que Hall diz: “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridas culturais” (HALL, 2003, p.62). Isso é bem visível em uma cena em que uma das alunas por nome Esmeralda fala com ar de desdém sobre a tatuagem com citação do Corão no braço de outro aluno, por nome Souleymane mostrando assim o conflito que tal hibridização cultural, como chama Hall, pode trazer para a sociedade na pós modernidade.

O fator etnia e raça também estão muito presentes no filme, por exemplo, Souleymane tem origem africana, quanto Rabah tem origem árabe.

Segundo Hall, “raça” não é uma categoria científica e sim “uma construção política e social” (Hall, 2008), “já a ‘etnicidade’ gera um discurso em que a diferença se funda em características culturais e religiosas” (Hall, 2008). Ao traçar este paralelo, Hall aponta a questão do racismo biológico, pela questão de cor, mostrando-nos que a “raça” vai muito além de cor, Hall tenta nos conscientizar que a sociedade pós-moderna é construída a partir destas diferenças e que precisamos conviver com isso.

É interessante quando o professor François Marin passa uma atividade para seu alunos, em que cada um deve escrever seu auto-retrato, quando cada um começa a ler o que escreveu fica visível a busca identitária em suas origens, o auto-retrato seria a forma como eles se vêem, sua busca por identidade, sua visão de mundo, seus valores, levando-os a se despirem diante do conjunto cultural de outrem, buscando em si, seus próprios significados, muitas vezes julgando-os uns aos outros pela sua própria visão de mundo, com base em sua origem étnica, produzindo em vários momentos do filme, conflitos.

Neste momento também nos deixa claro que o preconceito não é só gerado a partir da cor, ele também é gerado a partir de qualquer diferença, ainda analisando filme

Entre os muros da escola, vemos um caso de preconceito do aluno Carl, em seu auto-retrato, diz não gostar de góticos, discriminando, assim, alguns alunos que se vestiam desta forma dentro de sala.

Outra cena interessante mostra quando cada aluno precisa ir à frente de sala, para defender alguma opinião sua, o aluno Nassim de origem marroquina ao discursar sobre o campeonato de futebol africano, lamenta-se pela seleção do Mali não ter alcançado uma vaga na mesma, assim como o Marrocos, ele ressalta ao fato, de “que quando Mali não joga é como se todos os africanos que estão aqui (na sala), deixassem de ser africanos”. O professor nos leva ao entendimento ao dizer que “dependendo da participação do Mali os africanos da turma podem sentir-se mais ou menos africanos”, porém Boubacar, outro aluno africano vai a frente para refutá-lo ao dizer que não era apenas o Mali que poderia os representar, mas que outra seleção como a Costa do Marfim, estaria como representante, porém Carl se levanta e defende que a seleção que o representa é a França, país onde vive.

Toda esta discussão mostra como os alunos vivem em uma busca por sua identidade, mesmo morando na França não se sentiam franceses, ao defender a seleção francesa como sua representante, Carl é questionado sobre sua identidade caribenha, como se somente ela devesse prevalecer em sua postura.

Essas diferenças são fortemente percebidas durante todo o filme, e são geradas a cada aula.

Tal fator multicultural nos leva a pensar sobre o conceito de nação, e nacionalismo. Hobsbawn mostra como o conceito de nação pode ser apenas “imaginário” e o “outro” simbólico dentro da sociedade pós-moderna, com a força da imigração, globalização que nos leva ao hibridismo cultural, fica realmente difícil dizer qual identidade prevalece, principalmente quando se trata de adolescentes como é representado no filme “*Entre os muros da escola*” que vivem uma fase de conflito interior, buscando construir em si, sua própria identidade.

2 O papel do educador

Já analisamos o comportamento dos alunos, ao se deparar com o fator multicultural, mas não vamos nos esquecer de analisar uma das personagens principais do filme, o professor François Marin, que tem papel fundamental ao tentar conduzir de

forma organizada e limpa a sala de aula, amenizar os conflitos, e ele próprio lidar com as diferenças étnicas e culturais dentro de seu âmbito de trabalho.

Marin, além de professor era o coordenador da turma, ou seja, aquele que respondia pela mesma no conselho escolar.

Analisando sua compostura, notamos que Marin tenta de todas as formas manter-se amigável para com os alunos e ao mesmo tempo ser rígido para com os mesmos para se manter o controle, isso, porém, não significa que ele sempre consiga manter a ordem e o respeito dentro de sala.

Paulo Freire, um dos maiores teóricos educacionais do Brasil, aponta em vários momentos o caminho, para se lidar com tais fatores enfrentados por Marin.

Primeiramente temos que ter a consciência de que somos seres historicamente sociais, não importando em qual sociedade estamos inseridos, seja ela a sociedade tradicional ou moderna, precisamos ter em mente que cada ser é histórico, isto leva a “reconhecer como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica, também é igualmente inacabada” (FREIRE, 2005).

Mas como lidar com tal fator histórico, social, cultural, da perspectiva do educador?

Marin, em vários momentos, tenta estimular seus alunos na aprendizagem, por exemplo, ao elogiar o trabalho fotográfico de Souleymane, numa tentativa de fazer com que o rapaz problemático se interessasse pela aula, e se sentisse capaz de fazer algo dentro da classe.

Vários momentos do filme mostram as reuniões do conselho com vários professores que buscam juntos encontrar uma forma de não somente punir (Marin sempre se põe contra esta questão) como também estimular seus alunos a aprenderem.

É interessante notar, as dificuldades que tais professores enfrentam, alguns mesmo pensam em desistir da sala de aula, por não saberem mais como lidar com os alunos.

Freire nos fala sobre uma educação libertadora, que vai muito além da simples tarefa de se passar conhecimento do educador para o aluno, a qual ele chama de “educação dominadora e alienante”. Para Freire, o papel do educador deve ser de conscientização do aluno tratando-se, assim, de uma “educação humanizante e libertadora”. Freire nos mostra que a:

educação ou a ação cultural para libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer em que os educandos – também educadores – como consciências “intencionadas” ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente (FREIRE, 1981, p.81-82)

Desta forma, começamos a notar que no filme *Entre os muros da escola*, o educador Marin tenta, de todas as formas possíveis, levar esta libertação aos seus alunos, mas nem sempre é bem sucedido.

Em dado momento do filme, François acaba por ter problemas com duas de suas alunas, levando a uma perda de controle da turma, o que resulta em uma suspensão e levada de Souleymane ao conselho disciplinar.

Depois de vários conflitos, François começa a questionar com outros educadores a forma como lidam com alunos problemáticos, um de seus colegas responde “há muito não os controlamos”, mas será que a educação está fixada em simples controle de sala de aula? Para Freire, isso é uma forma limitada de educação e alienante em seu principal aspecto.

Durante a cena em que Souleymane está presente no conselho disciplinar, fica bem claro que os educadores da escola, em geral, acreditavam que o professor é autoridade máxima dentro de sala, não podendo em momento algum ser desrespeitado, porém, este ponto de vista tira os direitos dos alunos de também serem respeitados.

A começar, Souleymane foi levado ao conselho porque teria se desentendido com o professor Marin, depois do mesmo ter proferido palavras ofensivas contra duas alunas, as quais Souleymane tentou defender, gerando um conflito dentro de sala de aula, não somente com o professor, mas para com outros alunos e uma de suas colegas de classe acaba ferida no supercílio, o garoto acaba expulso do colégio, apesar da defesa da mãe africana que não falava o francês.

Não podemos dizer que o corpo docente da escola mostrada no filme *Entre os muros da escola*, seja um exemplo de como lidar com o fator *multicultural* de cada povo representado por seus alunos, em inúmeros momentos o professor Marin, encontra dificuldade mesmo com coisas simples como em dar um pequeno exemplo em sala de aula, ao escrever no quadro o exemplo ele coloca o nome “Bill” em sua frase, logo é questionado sobre o porquê do uso de nomes americanizados dentro da aula, quando não há nenhum americano ali presente, o professor ainda questiona que não poderia começar a escrever seus exemplos com base na origem étnica de cada um dentro de

sala, porém, Marin cede aos argumentos de Koumba, e troca o nome “Bill” para o nome africano “Aiissatar”, escolhido por Koumba.

Tantas questões nos fazem refletir sobre a forma de pensar e lidar com tantos pensamentos e culturas diferentes, o que leva a alguns professores a pensarem em desistir do magistério.

Podemos ver o caminho apontado por Paulo Freire, em sua “análise de consciência” que se utiliza da cultura para a libertação da educação, uma educação mais eficaz e que pode ajudar a superar tais conflitos multiculturais presentes no filme.

Pensemos que os alunos estão na posição de “cultura do silêncio”, ou seja, estão inseridos em uma cultura dominante que os leva a adaptar-se a novos valores, porém, tanto a “cultura do silêncio” quanto a “cultura dominante” não são excluídas em nenhum momento e sim postas de maneira dialética, uma diante a outra.

Para Freire, tais relações são basicamente entre:

o mundo que “fala”, que impõe, que invade; este, em momentos diferentes de suas relações dialéticas com aquele, o mundo que escuta, que segue, que se rebela, que é assimilado ou recuperado, que se rebela de novo, que se revoluciona, que se liberta, sem que esta sequência seja algo preestabelecido. (FREIRE, 1981, p.57).

Nestas condições, olhamos para a sala de aula representada no filme em questão, e o que vemos é justamente uma cultura dominante – no caso, a francesa – e as diversas culturas representadas pelos alunos, que em muitos momentos se rebelam dentro de sala, contra a cultura dominante, como foi no caso representado na cena de Koumba e Marin, sobre os questionamentos acerca dos nomes usados nos exemplos no quadro.

Quando colocamos o fator de consciência dentro de sala de aula, a probabilidade de termos êxitos é maior, pois estamos lidando com pessoas, que trazem modos de pensar diferentes embasados em sua cultura de origem, e estão ali tentando, de alguma forma, conviver com tal diversidade de valores, pensamentos, religiões, etc.

3 Uma abordagem cinematográfica

Muito além de uma indústria, o cinema é uma arte que visa apresentar não somente aspectos do cotidiano, como também abordar certos conflitos do ser humanos, com relação a si mesmo e as pessoas que o cercam.

O cinema como narrativa diferente dos livros romanceados, possui linguagem própria, para Marcel Martin, o cinema tem:

linguagem, graças a uma escrita própria, que se encarna em cada realizador, sob a forma de um estilo, o cinema transformou-se, por esse motivo, num meio de comunicação, de informação, de propaganda, o que não constitui, evidentemente, uma contradição de sua qualidade de arte. (MARTIN, 1955, p.22).

O filme apresenta exatamente o que é oferecido à câmera. Em *Entre os muros da escola* busca mostrar a realidade do dia-a-dia em sala de aula, a imagem fílmica muitas vezes provoca em nós um sentimento de realidade para o qual Martin fala sobre “a crença na existência objetiva do que aparece na tela” (MARTIN, 1955). Isso nos ajuda a mergulhar no filme, não somente na imagem, mas em som, cores... No presente filme as câmeras são dispostas bem próximas dos atores, o que nos permite um mergulho mais profundo na sala de aula. Em muitos momentos, temos a sensação de pertencer à classe do professor Marin. Sua representação unívoca nos leva a entender e ressaltar os fatos.

Para a produção de *Entre os muros da escola*, Laurent Cantete² teve que fazer pesquisas sobre a realidade dos alunos da periferia francesa, da realidade dos educadores nestas mesmas periferias, é isso que nos leva a mergulhar no filme, que não é um mero conjunto de imagens, e sim uma arte que aborda a realidade.

André Bazin divide a arte cinematográfica com duas tendências. Nos anos entre 1920 e 1940, são “os diretores que acreditam na imagem e os que acreditam na realidade” (BAZIN, 1991, p.67), nesta questão ele divide imagem de realidade, com base na sonoplastia. Muitas vezes a sensação de realidade nos é passada a partir de uma sucessão simples de planos, em alguns casos, quando se exige velocidade em uma cena, por exemplo, há uma multiplicação destes planos cada vez mais curtos. Assim como o próprio Bazin nos dá como exemplo, temos a sensação de uma locomotiva em movimento mesmo que ela nunca tenha saído do lugar. Isto também depende de como é feita a montagem, para Bazin a montagem de um filme, pode ser dividida em três momentos, sendo “montagem paralela”, que seria a “simultaneidade de duas ações, distantes no espaço, por uma sucessão de planos de uma e da outra” (BAZIN, 1991); a “montagem acelerada”, que está exemplificada no caso da locomotiva acima, e a “montagem de atrações”, sendo raramente utilizada, esta última seria:

criada por Eisenstein, cuja descrição não é tão fácil, poderia ser definida grosseiramente como o esforço sentindo de uma imagem pela aproximação de outra imagem que não pertence necessariamente ao mesmo acontecimento: os fogos de artifício em O velho e o novo, que sucedem a imagem do touro. (...) podemos considerar bem próxima em seu princípio a prática mais geral da elipse, da comparação ou da metáfora. (BAZIN, 1991, p. 67-68)

Tais montagens fazem com que o receptor do filme possa conceber o mesmo como realidade. *Entre os muros da escola*, em vários momentos: o decorrer das aulas, as reuniões na sala dos professores, os adolescentes brincando no pátio, nos mostra a vida diária de uma escola, fazendo-nos conceber como realidade, com câmeras próximas e quase sem trilha sonora, colocando-nos como participantes diários da escola. Esta concepção se dá através do sentido que atribuímos às cenas, assim “o sentido não está na imagem, ele é a sombra projetada pela montagem, no plano da consciência do espectador” (BAZIN,1991) e assim conseguimos atribuir ao filme nossa concepção de mundo. Em resumo: “tanto pelo conteúdo plástico da imagem, quanto pelos recursos da montagem, o cinema dispõe de todo um arsenal de procedimentos para impor aos espectadores sua interpretação do acontecimento representado” (BAZIN, 1991). Para Bazin, isto se deve também à evolução do cinema mudo para a entrada do som, como falas e trilha sonora. Este conjunto de sonoplastia trouxe ao cinema um requinte de realidade, que antes era pouco previsto.

Cinema é mais que diversão, temos a consciência de seu poder na sociedade, por que não lembrar da revolução de maio de 68, quando o cinema foi um dos fatores mais importantes na revolta da juventude europeia, isto é muito bem representado no filme *Os Sonhadores* (2003) de Bernardo Bertolucci. Além disto, consegue nos fazer mergulhar na mente das personagens como no filme *Cisne Negro* (2010) de Darren Aronofsky, em que me muitos momentos, nós como espectadores nos sentimos perturbados pelas alucinações da personagem principal.

Em tantos outros exemplos, o cinema tem um fator social, como no filme *Cinema Paradiso* (1988), de Giuseppe Tornatore, que nos conta a história de amor entre um rapaz e o cinema, mostrando-nos o quanto o cinema era importante para a vida social daquela pequena cidade na Itália em que é mostrada no filme.

A magia do cinema, como arte, como fator social, como protesto, é algo que pode ser sentido, não somente por seus profundos admiradores, mas também para aqueles mais leigos, sua linguagem, por vezes simples faz com que haja integração social e nos leva a um mundo onde a realidade pode ser menos dolorida.

Assim em *Entre os muros da escola*, a sala de aula representada pode fazer com que nós, educadores, comecemos a refletir sobre como lidar com os nossos alunos de

forma a fazer com que todos sejam ouvidos e integrados, melhorando assim o fator aprendizagem e a interação sócio-histórico-cultural, de cada um.

Considerações finais

Dentre todos estes fatores que nos deparamos em sala de aula, vemos que o papel do educador é de fundamental importância dentro desta, pois o professor deve ser preparado para quando se deparar com tais fatores multiculturais dentro de sala de aula.

Também vimos, que questões multiculturais, principalmente na realidade francesa, e hoje também em nossa realidade, pois os refugiados nos obrigam a lidar com fatores multiculturais são difíceis no contexto de sala de aula e que temos que estar preparados para que tais questões não afetem o convívio entre os alunos e o principalmente a relação aluno x professor. O professor deve ter uma visão ampla tanto social quanto cultural e isso fará a diferença ao lidar com vários valores identitários dentro de sala.

Dentro da perspectiva cinematográfica, vemos que o Cinema busca nos mostrar tal realidade e até mesmo alertar quanto a isto, pois nós quanto educadores precisamos ser acessíveis àqueles que estamos ensinando, pois estar dentro de sala de aula é muito mais que transmissão de conteúdo, é vivência diferenciada com sujeitos que nem sempre estão prontos e nosso papel é direcionar suas escolhas e fortalecer sua identidade.

Assim o filme nos mostra que a cultura é um fator identitário muito forte no aluno e que temos dar uma atenção especial a isto.

Referencias

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREIRE, Paulo. II Parte: Ação cultural e conscientização. In: _____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p.53-70.

HALL, Stuart. A distinção multicultural/multiculturalismo. In: _____. *Dá Diáspora identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003, p.50-73.

HOBBSAWM, E.J. O nacionalismo no final do século XX. In: _____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p.195-215.

FREIRE, Paulo. As relações homem-mundo, os temas geradores e o conteúdo programático desta educação. In _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005, p.100-110.

BAZIN, André. A evolução da linguagem cinematográfica. In: _____. *O cinema, ensaios*. Tradução: Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo, Brasiliense. 1991, p.66-81.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Tradução: Lauro Antonio; Maria Eduarda Colares. Lisboa, Dinalivros, 2005.